

## RESENHA

Wanderley, Márcia Cavendish.

Kitsch Tropical.

Los medios en la literatura y el arte

En America Latina

Lidia Santos, uma professora carioca radicada em Yale, New Haven, Connecticut, escreve um livro em espanhol e publica-o através de editora alemã – a Vervuert 2001, em Frankfurt. O livro é uma aguda análise realizada pela autora (que é Professora Assistente do Department of Spanish and Portuguese da Yale University) a respeito de um universo que lhe é cotidianamente próximo: o universo da cultura e da literatura latino-americana, em geral, e brasileira, em particular. Ela penetrará neste universo auxiliada por um arsenal teórico rico e variado da crítica do gosto. Porém a autora se mostra mais diretamente interessada no entendimento das relações que a cada dia mais intensamente se estabeleceram entre a chamada cultura de massa ou cultura kitsch e as expressões da também assim dita “alta cultura” nesta fase a que se convencionou chamar de pós-modernidade ocidental. Neste sentido, realiza exaustivo exame das várias teorias que se aprofundaram no terreno fértil das trocas simbólicas, desde o pessimismo da Escola de Frankfurt (Adorno, Hermann Broch e Greenberg) ao otimismo do empirismo americano (Van Wyck Brooks) com sua crença na aliança highbrow/lowbrow, passando ainda por Benjamin, Umberto Eco, Abraham Moles, entre outros, e, por fim privilegiando a obra de Edmond Globot, assumida enquanto seu principal instrumento de apoio teórico. E tudo isto para tentar entender e explicar a questão colocada como fundamental em seu trabalho:

Por qué el mal gusto, presente en los productos de los medios de comunicación de masa, pasa a ser incorporado a las narrativas latinoamericanas consideradas significativas para el curso de la cultura en que se inscriben?

Confrontando vários países (Brasil, Argentina, Cuba, Porto-Rico) de uma mesma galáxia – a galáxia latino-americana – a autora sente-se ainda à vontade ao passear seu olhar sobre áreas diversas de produção de arte simultaneamente, registrando não apenas o entrecruzamento atingido por estas formas, como também o uso que fizeram do kitsch enquanto elemento impulsionador de ruptura em relação a um ideário político e estético esgotado a partir dos anos 60. Assim, se do ponto de vista histórico o fim destes anos marca o início da derrota das utopias marxistas, vemos, concomitantemente, cair por terra os conceitos antropológicos de cultura espúria (cultura de massa) e cultura genuína (alta cultura) defendidas por Sapir. Queda para a qual muito contribuíram pioneiramente as produções artísticas e literárias latino-americanas daquele período.

O *corpus* da análise compreende sete escritores e dois movimentos centrados nas artes visuais e na música popular e, embora o livro tome o texto literário como centro,

seu programa mais importante é o de, polifonicamente relacioná-los. Os movimentos “Tucumán Arde” (argentino) e “Tropicalismo” (brasileiro) servem como contraponto para a obra de dois romancistas pioneiros na utilização do kitsch, ou dos “cursei” (que, em língua espanhola, apresenta alguma variação semântica), como artifício estético: Manuel Puig, autor de *Boquitas Pintadas* e José Agrippino de Paula (autor do romance esquecido pelo cânon brasileiro *PanAmérica*). No primeiro caso, embora não seja possível aproximar o revolucionarismo “Tucuman” da aparente neutralidade pós-moderna *avant la lettre*, de *Boquitas Pintadas*, Lidia ultrapassa essa aparência e descobre nele a profunda veia crítica, parodisticamente materializada através da utilização de “mídias” como a novela rosa, o cinema latino-americano e o próprio tango. Construído com material considerado impuro pela intelectualidade da época, este romance inicia o processo de questionamento ao realismo mágico das narrativas do *boom* literário dos anos 60 na América Latina, e de todo nacional-populismo reinante.

No segundo caso, o romance *PanAmérica* de José Agrippino, aparece relacionado à obra conceitual de Hélio Oiticica e às manifestações de música popular e cinematográficas nacionais do período, como exemplo da continuidade, no campo literário, de uma ruptura iniciada pelas artes visuais e pela música popular.

Passando por dois autores, Luis Rafael Sánchez (Porto-Rico) e Severo Sarduy (Cuba) que se destacam “por la lectura que hacen de lo kitsch en el contexto de las nuevas identidades camp y por los aportes que sus obras realizan a la queer theory en la America Latina”, a autora salienta a importância e atualidade destes conceitos originários das ciências sociais que refletem a emergência de novas identidades grupais definidas por tendências de consumo ou gosto no universo da chamada indústria cultural. São conceitos questionadores da visão até então homogeneizadora (Adorno) a respeito das sociedades de massa ou das sociedades de classe e foram apropriados pela literatura para definir novas opções narrativas dentro de seu campo. A identidade “camp”, (Na acepção de Susan Sontag) por exemplo, espécie de dandismo moderno que incorpora a vulgaridade valorizando-a, é, conceito que permite – a partir do “gosto” – contemplar as diferenças no interior destas classes. Pode – além disso, transformar-se em estratégia estética textual. Da mesma forma o kitsch, um estigma que marca os desníveis socioeconômicos, que, quando incorporado à arte e à literatura transforma-as em armas de combate, ou, pelo menos, democratiza o “gosto”, esse reflexo da luta de classes transfigurado em escolhas aparentemente subjetivas. Estratagemas amplamente utilizados pela literatura latino-americana e comportamentos que flagramos em nossos ícones mais carinhosamente entronizados. Caetano Velozo, por exemplo, mestre destes meandros comunicacionais, quando canta o famigerado “Coração Materno”, de Vicente Celestino e convence a todos de que a música é boa, está assumindo uma “identidade camp” pois eleva uma produção kitsch a um patamar “nobre” da cultura.

Mas não se pode negar que esta prática foi muito bem sucedida na literatura. Disto nos convence a Professora Lidia Santos ao debruçar-se sobre a obras de Haroldo de Campos (em sua versão madura) e de Clarice Lispector, em capítulo que chamou de “a canonização do kitsch” por se tratarem de autores já consagrados que não resistiram àquele chamamento. Sobre Haroldo de Campos, afirma que, “en procedimiento similar

al de Severo Sarduy, el poeta brasileño encamina sus primeras posiciones alineadas en una estética basada en los principios del alto modernismo (la poesía concreta y las experiencias visuales constructivas próximas del op-art), en la dirección de um neobarroco caracterizado por la mezcla entre la alta cultura escrita y las manifestaciones de la oralidad". Exemplo desta estética estaria em "Galaxias", que incorpora a "cultura de massa" como vivência. "Circuladô de fulô" poema para o qual contribuiu Caetano Velozo ao musicá-lo, tornando-se uma espécie de parceiro de Haroldo, ilustra essa incorporação. Não que eu pretenda negar o diálogo permanente daquele autor com outras linguagens da mídia, mas creio que este poema é talvez melhor exemplo de parceria entre as culturas erudita e "popular" onde o povo aparece como o "inventalínguas" à maneira dos personagens do universo ficcional roseano, uma proposta essencialmente nacionalista. E, por isso mesmo, me pergunto se este seria realmente o melhor exemplo de incorporação do kitsch ao projeto maduro do poeta.

Melhor modelo de exploração do kitsch pelo cânone está em *A Hora da Estrêla* de Clarice Lispector. Ali sim, me parece haver uma programação previamente estabelecida de construção de um "kitsch tão exuberante", que a autora não relaxa um minuto em seu projeto, seja nos ingredientes textuais formais utilizados, seja nas interferências autorais que permeiam o texto com os chamados "achados fáceis", do tipo: "saudade do futuro", "Porque há direito ao grito", "não suporto mais a rotina de me ser", "até no capim vagabundo há desejo de sol" e tantos outros. Facilidades que assustam o leitor habituado à contenção e elegância eruditas da romancista até o momento em que percebe a verdadeira intenção autoral: "de la retórica de la cultura de masas extraer los artificios formales". E na verdade, neste romance Lispector "recicla el cliché", como o definiu Lidia muito apropriadamente. E radicaliza o melodrama denunciando a morte sem heroísmo de Macabéa nas mãos do próprio príncipe encantado. Ceticismo que estende a toda classe oprimida brasileira, banida do pedestal heróico em que a entronizou a utopia ideológica popular-nacionalista.

César Aira (argentino), último escritor analisado, reproduz em "La Prueba" a expressão da violência dos anos 90 através da crítica da expressão "Paz e Amor" da "contracultura" dos anos 60 transformando-a em "amor e guerra", expressão da configuração social dos anos recentes.

A complexidade das propostas apresentadas na análise deste "Kitsch Tropical" seria já motivo suficiente para recomendar este bem realizado livro (à venda na Livraria do Guggenheim em Nova York e nos sites [www.iberamericanalibros.com](http://www.iberamericanalibros.com) ou [www.vervuert.com](http://www.vervuert.com)).